

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

QUE NENHUM PRESO POLÍTICO

seja enviado para os Açores!

Salazar sabe que só o nome de Tarrafal levanta contra si os democratas portugueses e de todo o Mundo, à lembrança dos crimes aí praticados, das inteligências que lá foram ceifadas e sepultadas. Então lembrou-se dos Açores! E que os Açores são Portugal e no entanto suficientemente isolados para continuar a obra de aniquilamento físico de alguns dos melhores filhos do nosso povo.

Por isso experimentou transferir-los de Peniche para Caxias, a ver a recepção que isso dava. Um clamor se espalhou por todo o Mundo, entrou pela ONU, por congressos e conferências, penetrou nos jornais de todos os países ao anúncio de que os grandes patriotas Pires Jorge, Blanqui Teixeira, Américo de Sousa, Octávio Pato, Carlos Costa, Aboim Inglês, José Magro, Lindim Ramos, Guilherme de Carvalho, Júlio Martins e João Honrado iriam para fora do continente português!

Mas Salazar só se deterá se esse clamor persistir, se ele se transformar em acção, em proibição total dessa manobra repressiva do fascismo português.

É preciso impedir os novos crimes que Salazar e a PIDE preparam! É preciso libertar aqueles dedicados democratas! Exijamos a Amnistia para todos os presos e exilados políticos portugueses!

A GRAVE CRISE DA LAVOURA

— O GOVERNO É O ÚNICO RESPONSÁVEL! —

Ao som das «fanfarras» tocadas pelos seus apaniguados do ministério, foi o ministro da Economia, Prof. Teixeira Pinto, à Corporação da Lavoura, em fins de Junho, proferir um improvisado (!), no qual, como «remedio» para a crise da lavoura, prometeu um subsídio de 220 a 300 mil contos para os anos de 1964/65.

Em má hora o senhor ministro deu tal passo! De todos os pontos do país se levantaram os mais indignados protestos dos camponeses, pequenos e grandes, formulados em amplas reuniões para o efeito convocadas. Não é de remendos que a agricultura precisa! — grita-se em todas essas reuniões —, mas sim de medidas sérias que resolvam de uma vez uma grave situação que já dura há demasiado tempo!

MARÉ DE PROTESTOS E RECLAMAÇÕES

Após o anúncio do subsídio, a Corporação da Lavoura publicou um comunicado em que manifesta abertamente a sua discordância com a política do Ministério da Economia, lembrando que os produtores de milho continuam em situação desesperada; que a abolição do subsídio do trigo, reconhecida tempos atrás como indispensável, roubou à lavoura 380 mil contos nos dois anos anteriores; que foram aumentados os preços dos adubos e das sementes, o que deu um encargo, respectivamente, de 80 e 36 mil contos à lavoura.

«Assim, diz a Corporação da Lavoura, a promessa de 110 a 150 mil contos por ano de subsídio que agora se oferecem para o biénio 1964/65 não chegam para colmatar os prejuízos resultantes de um único decreto — o que instituiu o Regime Cerealífero.» «Aliás — prossegue o Comunicado — a Organização da Lavoura tem sérias dificuldades em distribuir um subsí-

dió que — dada a sua exiguidade — nem o próprio Ministério se sente capaz de arcar com a responsabilidade da sua distribuição».

Em apoio desta tomada de posição da Corporação da Lavoura, sucedem-se as reuniões por todo o país, nos diversos grémios da lavoura. Destacamos as seguintes: Em 29 de Junho, os grémios da lavoura do Baixo Alentejo reclamam o direito de intervir na solução dos problemas que os afectam e declaram inaceitável o subsídio agora prometido pelo governo pois, afirmam, se for distribuído pelas cerca de 700 mil explorações agrícolas, pequenas e médias, existentes, dará 300 a 400\$00 a cada uma (!).

Os lavradores de Entre Douro e Minho, reunidos no grémio a 11 de Julho, manifestam surpresa e reclamam pelo facto de os seus in-

(continua na 2ª pag.)

O «AVANTE!» TEM 54 ANOS!

Contra todas as arremetidas do inimigo fascista o «Avante!» segue o seu caminho de paladino do socialismo e da paz, erguendo mensalmente a voz dos comunistas portugueses.

Fundado pelo nosso querido Bento Gonçalves, animado por homens e mulheres da ténpera de Álvaro Cunhal, José Gregório, José Moreira e Maria Machado, redigido e composto por valentes combatentes da luta contra o fascismo e pelo comunismo, o «Avante!» é o invencível jornal dos trabalhadores portugueses que conduz as suas lutas e os guia nas duras batalhas que têm de travar contra os monopólios e os latifundiários.

O «Avante!», irmão mais velho de quantos órgãos anti-fascistas existem no país, a todos saúda, e agradece particularmente as longas referências que lhe foram feitas por essa grande tribuna do anti-fascismo e anti-colonialismo que é a Rádio Portugal Livre!

ATENÇÃO AOS VAMPIROS!

No julgamento do «caso de Beja», em Junho, o acusador público, Dr. Lopes de Melo, afirmou que «só não pedia para os réus a pena de morte ou a prisão perpétua porque elas não eram consignadas na lei portuguesa».

Mais tarde, em Agosto, no julgamento de 7 militares no Tribunal Militar, acusados de rebelião contra a guerra colonial na Guiné, também o «promotor da justiça», coronel Barbosa Bessa, afirmou que no caso em questão, se tivesse mais provas contra os réus «ele

não hesitaria em pedir para eles a pena de morte».

O decreto fascista de 17 de Outubro de 1963 que instituiu a pena de morte para os casos de insurreição militar nas colónias, começa a reflectir-se no país. Os vampiros fascistas começam a mostrar as garras e a aguçar os dentes. Eles têm sede do sangue dos patriotas portugueses! Atenção pois aos vampiros. Eles aí vêm com pés de veludo e togas vestidas.

Fora com os vampiros fascistas!

VIVA O 5 DE OUTUBRO!

Data histórica respeitada pelo povo e comemorada anualmente pelos democratas e patriotas, deve ser este ano mais uma vez motivo para iniciativas de unidade tais como jantares de confraternização republicana, romagens aos monumentos e campos dos que se bateram pela República em 1910 ou já sob o fascismo, assim como pela apresentação das reivindicações económicas mais sentidas pelos trabalhadores, por meio de delegações às gerências, concentrações nos Sindicatos, etc.

Sejamos audazes e as massas responderão a todas as iniciativas! Contra a repressão e pela amnistia! Por Democracia! Contra a guerra colonial!

ABAIXO A VIDA CARA!

A maior parte dos trabalhadores não tem férias e os que as têm é por um pequeno período de 3, 6 ou 12 dias. Ir para qualquer lado passar esses dias? E o preço das passagens? e o aluguer dum quarto? ou o peso sobre a família para casa de quem se vai? Não. São despesas que o salário, já pequeno em tempo normal, não aguentaria sem dívidas, e estas já se foram introduzindo lentamente nos limitadíssimos orçamentos domésticos. Por isso fica-se em casa.

(continua na 2ª pag.)

UM IMPERATIVO DA SITUAÇÃO NACIONAL — A UNIDADE —

Na última reunião do nosso Comité Central foi considerado que a unidade das forças democráticas e patrióticas é exigência da situação e tarefa central do Partido do proletariado. Unidade contra quê? Contra o fascismo, contra os monopólios, contra o imperialismo, contra a guerra colonial. Unidade para quê? Para a instauração duma Democracia em Portugal de que o primeiro passo será a conquista da liberdade política, a formação dum Governo Provisório que decreta as liberda-

des democráticas e realize eleições livres para uma Assembleia Constituinte.

Mas um Partido Comunista não é criado para lutar pela instauração do socialismo e do comunismo? Então por que está o nosso tão interessado na unidade para instaurar a democracia? Para dar o poder aos burgueses? É evidente que não. O PCP luta por um Portugal Socialista. Mas não podemos derrubar o fascismo sós, nem nós, comunistas, nem qualquer outra força política. E uma revolução tem fases; tal como não se pode ser adulto sem ter sido criança, não alcançaremos o socialismo sem estabelecer um regime democrático, sem fazer primeiro reinar em Portugal a liberdade.

Como afirmou o camarada Álvaro Cunhal, «acabar com o terror fascista, libertar Portugal do bando de malfeteiros instalado no poder, alcançar o direito de falar, escrever, reunir, manifestar, es-

colher os governantes», numa palavra: «respirar», é a reivindicação imediata de todos os portugueses com «excepção do punhado de milionários e do pequeno bando fascista que os serve». Ora «se há portugueses que estão de acordo em lutar para derrubar a ditadura fascista e instaurar as liberdades democráticas, esse objectivo comum, por si só, justifica a unidade. Nós, comunistas, estamos prontos a unir-nos na acção a todos quantos estão dispostos a lutar por ele».

Quando nos unimos a outros políticos, a outras forças, não abdicamos dos nossos objectivos finais e não nos dissolvemos dentro de qualquer agrupamento político ou movimento de unidade ou frente patriótica. Conservamos o objectivo dum Portugal socialista, mantemos e procuramos reforçar a nossa estrutura orgânica, mas unimo-nos na acção, agimos em

(continua na 2ª pag.)

SEMPRE NOVAS LUTAS

—Na Sociedade Estoril são aplicadas multas ao pessoal, desde 5\$00 até 3 dias de trabalho e os revisores e maquinistas são obrigados a fazer horas extraordinárias, chegando a trabalhar 16 horas seguidas!

Operários e empregados, unidos, devem lutar contra as multas e um tal regime de trabalho!

—A Câmara Municipal de Cascais está a abater casas construídas sem licença, deixando famílias inteiras sem abrigo. Os habitantes devem formar uma comissão, reclamar a legalização das suas construções, impedir que as deem a baixo!

—Na Trefilaria, os operários reclamam aumento de 10\$00. O director prometeu-lhes aumento mas por mais horas de trabalho. Os operários recusaram e continuam a luta.

VITÓRIA NA CAVAN

Como resultado da sua luta persistente, os operários desta empresa conseguiram, recentemente, um aumento geral de 3\$00. Continuam, no entanto, a luta por um aumento maior, mais de acordo com o constante agravamento do custo de vida.

A GUARDA FISCAL ao serviço da repressão

O ministério do Exército ordenou que de futuro as forças da Guarda Fiscal serão também utilizadas para «manter a ordem», sempre que as «alterações» o justifiquem. Assim o governo de Salazar alarga o aparelho repressivo, disposto a jogar tudo pela conservação do poder. Mas as praças e sargentos da G.F. saberão opor-se à oficialidade fascista e recusarão trocar as suas tarefas habituais pelas de cães de guarda dos monopólios e dos latifundiários.

Carta da CUF do Barreiro

O ambiente aqui na CUF vai-se tornando mais escaldante. Os operários reforçam a sua luta e o patronato parece não dar mostras de ceder e ainda por cima está recorrendo a métodos que levam a uma extremação das posições.

Os sub-grupos voltaram a discutir o problema do aumento ainda não satisfeito e decidiram de novo levá-lo à C.I.E., mas a verdade é que tudo indica termos de pensar em fazer mais qualquer coisa!

Em Julho saíram as promoções que provocaram grande descontentamento. Por pressão de todos nós, os delegados levaram este problema à C.I.E. Quando um delegado estava a expor a questão, o Jorge de Melo disse:—« Isso aqui não se discute!», procurando encerrar à discussão. Um delegado respondeu que ainda não tinha acabado de dizer tudo. Então, o sr. Jorge de Melo perdeu a cabeça, deu dois murros na mesa e disse: acabou-se a discussão! não há mais discussão! (Que democrático é o sr. Jorge de Melo!) Os delegados foram muito criticados por se terem ficado.

Apesar de tudo as promoções continuam a dar que falar e os operários não aceitam que o Jorge de Melo se recuse a discutir este problema. O descontentamento é grande, tanto mais que ele tinha dito que as promoções seriam uma melhoria sensível. Todos os anos a CUF destinava 12 mil contos para promoções. Este ano, por ordem do Jorge de Melo, foram cortadas em cerca de 50%.

A palavra de ordem de recorrer à «cera», tem sido bem aceite, o recurso a esta forma de luta intensifica-se. É na zona têxtil que esta forma de luta está atingindo

um grau mais elevado, pois a quase totalidade do pessoal recorre à «cera». A própria administração é obrigada a reconhecê-lo. No último Boletim podia ler-se: «Haja em vista a redução na produção registada na zona têxtil por manifesta responsabilidade do pessoal, como anteriormente referido, com prejuízos de que o próprio não pode deixar de sentir reflexos». A esta ameaça, responderam as operárias e operários da têxtil com um novo abaixamento da produção, tendo esta, num só turno, baixado 45 toneladas no dia 1 de Agosto. A coisa foi tão saliente que os encarregados não puderam esconder a sua preocupação.

Para agravar ainda mais as coisas, acabaram-se os «prémios» e generalizou-se a toda empresa o sistema do «mérito» (que é pago arbitrariamente a quem o patronato entende). Esta medida representa uma redução nos salários e é uma forma de pressão para aumentar a produção.

Precisamos organizar a resposta a esta medida patronal. A reivindicação deve ser que o chamado «mérito» seja integrado no salário. Dantes esta reivindicação era apenas das mulheres têxteis, agora deve ser de todos os operários!

Abaixo a vida cara!

(continuação da pág. 1)

Os preços do pão, do leite, da carne, da fruta, do peixe, do açúcar, do batatão, etc, aumentam sem cessar. Em pleno verão comprem-se nos portos de pesca sardinhas a 5 e a 6 tostões cada uma! Em casa come-se pior, corria-se no pão para poupar para um par de sapatos, uma camisa ou uma saia de que o trabalhador, a mulher ou os filhos têm necessidade e que, também eles, aumentaram de preço. Por isso o trabalhador volta-se para os biscotes, os pequenos serviços de reparações que vão preencher de manhã à noite os poucos dias em que deviam gozar um merecido repouso.

Da há muito são assim as férias dos trabalhadores, mas neste verão de 1964, o constante aumento do custo da vida anulou quase completamente o repouso. Chegou ao ponto de o trabalhador, em vez de férias, pedir trabalho e até horas extraordinárias.

Esse porém é o caminho imposto pelo patronato, pelo capital explorador. Porque o caminho justo, no interesse do proletariado como classe, é outro — o caminho da luta, da reivindicação de maiores salários!

Precisamos de ganhar mais para poder comprar o indispensável, para podermos gozar o direito às férias pagas. Precisamos de exigir que cesse a guerra colonial e baixe o custo da vida, que se ponha um travão aos constantes aumentos dos preços. Precisamos de ajustar para sempre a ameaça de novos aumentos dos preços da carne, do peixe, dos transportes, da luz e da água.

Em todas as fábricas, oficinas e outros locais de trabalho elejamos os nossos representantes, formemos uma comissão reivindicativa e acompanhamo-la junto do gelado e do sindicato a apresentar as nossas grandes reivindicações do momento; que baixe o custo da vida! que aumentem os salários e vencimentos dos trabalhadores!

Por toda a parte, nas fábricas, nos campos, nas ruas, gritemos bem alto: Abaixo a guerra colonial! Abaixo a vida cara! Queremos pão!

A UNIDADE

(continuação da pág. 1)

comum, certos de que «a luta pela democracia é parte constitutiva da nossa luta pelo socialismo».

Além disso para nós não é possível uma unidade de cabeça, desligada das massas, que não seja para impulsionar e multiplicar pequenas e grandes lutas de massas. Quando discutimos com homens doutras correntes, com grupos ideológicos diferentes, nunca es-

quecemos que somos o Partido do proletariado. Por isso, para nós, «a unidade das forças anti-monopolistas anti-fascistas tem como base fundamental a unidade da classe operária e a aliança desta com o campesinato e a pequena burguesia urbana».

Nunca esquecendo os nossos objectivos finais, forjando constantemente a unidade da classe operária e a unidade das massas populares através de pequenas e grandes batalhas económicas e políticas contra o fascismo, apoiando-se nessa unidade e nessas lutas, o Partido Comunista tem transmitido às outras forças políticas a força do exemplo. O relatório de A. Cunhal é categórico nesse ponto: «Os grandes mestres das forças democráticas em matéria de unidade, têm sido a classe operária e as massas populares» E especifica:

«A unidade das forças políticas anti-fascistas resulta da unidade da classe operária e da unidade popular na luta contra a ditadura e apoia-se nela. Nas lutas persistentes, incansáveis e heróicas dos operários industriais, dos assalariados rurais, dos camponeses, dos estudantes, dos intelectuais, dos militares, unem-se portugueses e portuguesas de todas as tendências políticas. Há comunistas, há socialistas, há liberais. Mas a grande maioria dos portugueses são acima de tudo anti-fascistas. Este sentimento geral opõe-se à divisão entre anti-fascistas, e se esta se manifesta, o povo não compreende e critica». E o camarada Álvaro Cunhal conclui: «O espírito unitário do povo, o apoio popular à política de unidade do Partido está na raiz do êxito de tal política.» Por tudo isto, o Partido Comunista que é a principal força política anti-fascista, foi também o principal obreiro tal como é o principal animador da Frente Patriótica de Libertação Nacional.

A GRAVE CRISE DA LAVOURA

(continuação da pág. 1)

Tarefas não terem sido considerados nos mais próximos planos de fomento; recusam o subsídio do Ministério considerando-o «inteiramente ineficaz sob o ponto de vista do interesse agrícola dado que na maioria dos casos mal atingirá umas centenas de escudos por exploração agrícola.»

Por sua vez, centenas de pequenos, médios e grandes lavradores do ALTO ALENTEJO, reunidos em 28 de Julho em Évora, reclamam do governo um subsídio compensador para poderem continuar a pagar adubos, rendas e o resto dos encargos agrícolas. Foi ali afirmado que já na presença do ministro da Economia a representação da Federação dos Grémios do Distrito de Évora dissera que «não aceitava o subsídio do governo, pois não sabia como o dar nem a quem o dar.» Os participantes na reunião e outros, foram dali em massa ao Governo Civil de Évora entregar a reclamação para ser apresentada ao governo de Salazar.

Em REGUENOS DE MONSARAZ (Alentejo), realizou-se, em 7 de Agosto, uma reunião de lavradores, pequenos e grandes, que reclamaram do Presidente do Conselho urgentes medidas, dado que a lavoura da região, segundo afirmaram, já não pode satisfazer os seus compromissos: «NÃO TEMOS AZEITONA. JÁ NÃO TEMOS PORCOS, POIS OS QUE NÃO MORRERAM DA DOENÇA MORRERAM DA CURA.» (Alusão crítica ao facto dos porcos terem sido dizimados com a vacina que o governo impôs aos lavradores). Reclamam um subsídio de 1\$00 por quilo de trigo, a fixação do preço do trigo em 3\$60, sem novo aumento do preço dos adubos e a fixação em 2\$500 do preço médio do quilo da carne pago à lavoura.

Igualmente se realizou uma importante reunião em ODEMIRA, em 20 de Agosto, na qual participaram representantes de pequenas, médias e grandes explorações agrícolas, tendo sido afirmado que a solução dos seus problemas é uma questão de vida ou de morte para os lavradores daquela região. Perante a pressão crescente dos agricultores e lavradores da região de Lisboa, reuniram-se os presidentes dos 13 municípios rurais do distrito de Lisboa, os quais entregaram ao Governador Civil de Lisboa, em 24 de Agosto, uma exposição reclamando do governo urgentes medidas para os problemas da região. Focando a grave situação do pequeno camponês, afirma-se na exposição: «CONHECEMOS CASOS INÚMEROS DA DEVOLUÇÃO DAS PROPRIEDADES AOS SEUS DONOS, POR PARTE DOS RENDEIROS, PROPRIETÁRIOS QUE FICAM INQUITAS PARA SEMPRE POR FALTA DE CONDIÇÕES DE ESTÍMULO E DE INCITAMENTO. É FREQUENTE TAMBÉM A ENTREGA GRATUITA DE QUINTAS INTEIRAS PELOS SENHORIOS AOS RENDEIROS QUE POR SUA VEZ AS REJEITAM ENTRISTECIDOS, MAS CONSCIENTES DAS REALIDADES DURAS DA LAVOURA DOS NOSSOS DIAS.»

Em MÉRTOLA e em SERPÁ, após reuniões nos respectivos grémios, nos fins de Agosto, centenas de rendeiros, seareiros e proprietários, reclamaram crédito barato e a revisão dos preços dos produtos agrícolas.

PELA REFORMA AGRÁRIA!

De toda esta gravíssima situação do campesinato e da agricultura, consequência directa da política fascista de protecção aos monopólios e latifundiários, agravada com a guerra colonial em que há mais de três anos o governo empenhou o país, algumas conclusões se podem tirar.

Em primeiro lugar, é justo concluir que a ditadura fascista que domina o país há mais de 38 anos, agora menos de que nunca será capaz de resolver os graves problemas que afligem as massas camponesas. A «desordem» existente no processo de produção, circulação e comercialização dos produtos agrícolas, é uma consequência directa da «ordem» fascista; do desprezo pelos interesses da pequena e média produção e da deserdada protecção aos monopólios e aos grandes latifundiários.

Em segundo lugar, ainda que uma ou outra medida de emergência possa atenuar

momentaneamente a gravidade deste ou daquele problema; a manutenção da injusta e desactualizada estrutura agrária e do atraso técnico da agricultura portuguesa, deixam sem solução os problemas fundamentais. Basta lembrarmos que, EM PORTUGAL, OS 500 MAIORES PROPRIETÁRIOS TÊM MAIS TERRA QUE OS 500 MIL MAIS PEQUENOS!

Como reafirmou o Comité Central do nosso Partido, na Reunião de Abril último, «isto indica a necessidade urgente de Uma REFORMA AGRÁRIA que entregue a terra, hoje em poder de um pequeno número de latifundiários, aos assalariados rurais e aos camponeses pobres. Uma tal reforma atingirá um número muito pequeno de famílias parasitárias e beneficiará muitas centenas de milhares de famílias camponesas.»

Na actual situação, os pequenos e médios camponeses devem libertar-se de tutela demagógica que lhes pretendem impôr os grandes proprietários da terra, fazendo deles «tropa de choque» para arrancarem do governo concessões de que serão eles os principais beneficiários. Com a grande burguesia monopolista, os grandes agrários têm sido e continuam a ser os principais exploradores das massas trabalhadoras e os principais sustentáculos do regime fascista.

A tarefa dos comunistas e de todos os democratas consiste em esclarecer e orientar a enorme massa de centenas de milhares de pequenos e médios camponeses descontentes e desiludidos com a política fascista, mobilizando-os para a luta pelas suas reivindicações imediatas, levando-os a reunir, a protestar, a manifestar-se nos ministérios, nos grémios, nas ruas, a tomarem colectivamente medidas de defesa recusando a entrega dos seus produtos nos grémios e outros intermediários e indo os vender directamente aos consumidores das cidades, associando-se em cooperativas sem intervenção do governo, etc.

Através destas lutas, a grande massa dos camponeses será mobilizada para o lado das forças democráticas e patrióticas na luta pelo derrubamento da ditadura fascista. SÓ A REFORMA AGRÁRIA PODERÁ RESOLVER OS PROBLEMAS DO CAMPO!

PELA AMNISTIA, CONTRA A REPRESSÃO SOLIDARIEDADE

Almada, Aljustrel, Barreiro, Baixa da Banheira, Palhaça, Porto, Senhora da Hora, Rio Tinto, Caldas da Rainha, Torres Novas, Portimão, Lagos, por todo o Norte, Ribatejo, Alentejo e Algarve a repressão fascista lançou as suas garras e roubou aos lares, às famílias, à luta democrática algumas dezenas de bons filhos do povo português, na sua maior parte operários conscientes e combativos.

Os tribunais plenários de Lisboa e do Porto mais o Plenário Auxiliar de Lisboa, vão completando a obra terrorista da PIDE e deixando nos antros de provocação e de tortura de Caxias e de Peniche os lutadores mais consequentes, sujeitos a pesadas condenações agravadas pelas desumanas medidas de segurança.

Os tribunais militares vão por sua vez julgando cada vez maior número de soldados, sargentos e oficiais, acusados de actividades subversivas nas colónias ou de desertar em Portugal ou de insubordinação nos quartéis. As penas são também aqui em geral pesadas.

Quase já não há aldeia ou vila de Portugal sem a marca da opressão fascista: por todo o lado se encontra uma família com um filho, um marido ou noivo preso pela PIDE

umas horas (para atemorizar), uns meses (para prejudicar e fazer desistir da luta), uns anos (para destruir moral e fisicamente, por vezes lançar às portas da morte), julgado num qualquer tribunal especial, a cumprir pena nas prisões políticas ou nos presídios militares, d. stacado para qualquer colónia africana, ou a cumprir «medidas de segurança», ou preso no campo de concentração do Tarrafal, ou em liberdade sob o regime de liberdade vigiada, obrigado a apresentar-se regularmente à polícia ou a pedir autorização para qualquer saída da terra em que reside, ou em residência fixa em qualquer parte, a'é mesmo num convento, ou finalmente exilado em França, Inglaterra, Brasil, etc. E quantas famílias já não choram homens mortos na rua António Maria Cardoso (sede da PIDE em Lisboa), na rua do Heroísmo (sede da PIDE no Porto), em plena rua ou no Tarrafal?!

São exemplo da luta que cabe às famílias dos presos, a luta persistente das famílias dos presos de Peniche contra a brutal repressão que os atinge; o protesto que 25 familiares dum jovem fizeram à porta da Pide no Porto, a acção da mãe da jovem Benilde que juntou muito povo à sua volta, à mesma porta, quando lhe recusaram a visita da filha; e o caso da mulher do jovem Fernando Felgueiras que não temeu nem mesmo ser presa para ter visita com o marido.

Este é o caminho. Mas é preciso unir a luta contra a repressão, à luta contra as medidas de segurança e pela amnistia. É preciso que as famílias dos que vão sendo presos se unam às dos que estão cumprindo penas e à gente de coração a mais diversa, assinando protestos e concentrando-se em frente do Ministério do Interior, em frente da PIDE em Lisboa, no Porto e em Coimbra, exigindo o fim da repressão, das torturas, das provocações nas cadeias, das medidas de segurança, reclamando amnistia para todos os presos e exilados políticos.

SOVIÉTICA

o tomar conhecimento da situação em que vivem os presos políticos portugueses em Peniche, inúmeras organizações soviéticas levantaram a sua voz de protesto. Entre todas queremos hoje salientar o Conselho Central dos Sindicatos da URSS que publicou em Moscovo uma Declaração em que «exige a cessação imediata das perseguições às famílias dos presos da fortaleza de Peniche, a imediata libertação de todos eles, assim como a de todos os democratas e patriotas portugueses encarcerados nas prisões».

Além disso, o Conselho Central dos Sindicatos da URSS dirigiu uma mensagem ao director da Fortaleza de Peniche declarando que ali se encontravam, doentes sob ameaça de morte, os camaradas Pires Jorge, Dias Lourenço, Carlos Costa, Manuel Guedes, Aboim Inglês, Afonso Gregório e José Vitoriano, «em resultado das perseguições e torturas assim como pelo facto de que a direcção da prisão se recusa a prestar-lhes assistência médica».

A estas acções juntou o mesmo Conselho uma carta enviada à Comissão dos Direitos do Homem, da ONU, chamando a sua atenção para o que se passa em Peniche e «apelando para que sejam tomadas medidas urgentes para pôr fim aos arbitrios a que estão submetidos estes democratas e patriotas portugueses e para que sejam imediatamente libertados».

CHINESA

várias vezes temos referido nas páginas do «AVANTE!» as provas de solidariedade que os presos políticos portugueses têm recebido constantemente das organizações de massas chinesas. Queremos hoje referir a última que chegou ao nosso conhecimento. Trata-se da mensagem que às mulheres portuguesas foi enviada pela Federação Nacional das Mulheres Chinesas, de que extraímos este passo:

«Condenamos com toda a energia os crimes da camarilha salazarista, apoiamos activamente as mulheres e o povo português na sua justa luta contra o regime ditatorial de Salazar, pela liberdade e democracia, e manifestamos a nossa profunda simpatia pelos presos políticos e pelas suas famílias».

A mensagem conclui: «Expresamos uma vez mais o nosso apoio aos irmãos e irmãs portugueses na sua luta pela Paz, pela Democracia e pelo Progresso social. Que esta amizade entre as mulheres da China e de Portugal se fortifique cada dia que passe».

QUEM SÃO OS ESPECULADORES?

Os jornais de 28/8 publicaram uma nota da Junta Nacional das Frutas, anunciando que adquiriria todas as quantidades de batata que lhe forem oferecidas pelos produtores ou suas organizações, em armazéns situados em Lisboa e Porto, a preços de \$80 e \$90 o quilo. «Estes preços entendem-se por batata de boa qualidade e seleccionada», friza a nota. Tudo isto sujeito ainda à elaboração dum recenseamento e dum calendário de entrega.

Perante a crise que avassala a lavoura, que por todo o lado se queixa de especulação dos intermediários, é a Junta Nacional das Frutas que aparece como o principal especulador. Esta sua intervenção no mercado da batata é um insulto dirigido aos produtores.

Este jornal representa muitos esforços e perigos. Não o destruas. Fã-lo circular. Deixa-o cumprir a sua missão!

AS LUTAS ESTUDANTIS ORGANIZAM-SE NO FIM DAS FÉRIAS!

As férias estão a acabar. Se os estudantes não prepararem desde o primeiro dia que vão à Escola os seus planos, os meses passam rápidos e as primeiras férias chegam sem que se tenha avançado.

Ora as eleições para as Associações deviam ser feitas no 1º período, a luta contra as sanções aplicadas aos colegas não pode esperar que tudo se consuma, a preparação do Dia do Estudante, da Tomada da Bastilha, etc., não deve ser feita nas vésperas. É preciso organizar dezenas de encontros, festas, passeios, piqueniques, sessões culturais, desportivos, etc., para preparar o ambiente de solidariedade e de luta que se impõe, o conhecimento pela massa dos dirigentes académicos e o prestígio dos seus dirigentes políticos.

Por outro lado não podem ser as Associações Académicas, com os seus limites legais, a fazer tudo. A organização democrática precisa de se erguer desde o 1º dia para acompanhar a vida académica e a vida política do país, saber fundir nos interesses gerais do povo português os interesses praticulares dos estudantes. Para erguer aquela organização é preciso que os comunistas estejam na primeira fila, organizados e conscientes das tarefas que lhes cabem. Para tal precisam de constituir novas células com os estudantes que vão agora entrar para as Escolas, reconstituir outras que viram sair finalistas, discutir os planos de acção e apetrecharem-se com o estudo da linha política do Partido, do Relatório do camarada Álvaro Cunhal, do projecto de Estatutos, etc., para os embates políticos com os sem partido, os demagogos, os desaperados, os sectários, os revisionistas e os pescadores das águas turvas do esquerdismo que procuram penetrar entre os estudantes e intelectuais.

Mãos à obra camaradas estudantes!

NA POLÍCIA NÃO SE FALA! luta-se ainda!

Fora com os alemães!

Os fascistas portugueses e os militaristas alemães entendem-se bem. O salazarismo recebe dinheiro e armamentos e cede posições económicas e militares importantes em Portugal e África.

A Rádio Portugal Livre divulgou que o governo alemão recentemente atribuiu uma soma de 46 milhões de marcos para serem dispendidos em 1965 em Beja e pensam atribuir pelo menos igual soma em 1966. Assim os nazis alemães entregam para ajuda ao seu amigo Salazar cerca de 300.000 contos!

Mas a RPL anuncia, de fonte autorizada, mais: que será instalado em breve na base de Beja um primeiro contingente de 500 soldados alemães comandados por um general alemão. E a RPL comenta muito justamente: «pela primeira vez na história de Portugal um general alemão comandará em terra portuguesa (...). Os militaristas de Bona procuram agora executar por meio de suborno o plano de domínio militar da Europa que Hitler tentou alcançar através da guerra. Salazar é o «cavalo de Troia» que os alemães utilizam para fazer entrar os seus soldados (...). «Botas alemãs vêm pisar a terra portuguesa, um general alemão vai comandar em terra portuguesa. As ordens de serviço para a base de Beja serão redigidas em alemão pelo general de Bona! Depois disto quem pode negar que o governo de Salazar é um governo de traição nacional!»

O povo Português não confunde o povo alemão com os revanchistas e militaristas alemães. A nossa amizade vai para o povo alemão pacífico e trabalhador, para os que na Alemanha são presos e perseguidos por lutarem contra o espírito de desforra do governo de Bona, em primeiro lugar para os comunistas alemães, para os alemães que souberam erguer no leste do país a República Democrática Alemã, baluarte de paz no coração da Europa.

Nós somos contra os que, seguindo as pisadas dos nazis, preparam novas aventuras militares. A defesa dos interesses nacionais portugueses é solidária da defesa dos interesses pacíficos do povo alemão.

Lutemos contra as bases alemãs em Portugal! Denunciemos a aliança fascista entre o governo de Salazar e o de Bona! Fora com os militaristas alemães!

libertemos MARIA DA PIEDADE!

O nome de Maria da Piedade corre mundo nos jornais, nas rádios, nos comícios e em mensagens às autoridades fascistas, em protestos e manifestações de solidariedade para com esta valente patriota e para com a luta do povo português pela sua libertação e a libertação de todos os presos políticos.

Tal como a campanha nacional e internacional que arrancou das garras do fascismo o nosso camarada MANUEL RODRIGUES DA SILVA e depois a jovem Ivone Dias Lourenço, estamos certos que Maria da Piedade será libertada por este grande movimento de solidariedade. Para tal impõe-se a intensificação da luta contra a prorrogação das medidas de segurança, pela libertação do seu digno advogado de defesa, Dr. Mesquita, do Porto, corajosamente preso em Agosto, e pela libertação imediata daquela valente mulher, junto do juiz Cunha Ferreira, do Tribunal Pleno do Porto (Largo de S. João Novo-Porto).



A viragem de há 20 anos A CAMINHO DO SOCIALISMO

Foi há 20 anos: os hitlerianos abandonaram, escurrados pelos povos da Roménia, da Hungria, da Polónia, da Checoslováquia, etc., e batidos pelo glorioso exército soviético, de mãos dadas com a resistência nesses países, o leste e centro da Europa.

Foi há 20 anos que o enorme potencial de guerra nazi foi desmantelado pelas vitórias sucessivas da União Soviética, criando-se assim as condições de enfraquecimento que facilitaram o desembarque ocidental na Normandia.

Foi há 20 anos: por todo o ocidente europeu as Resistências, com os Partidos Comunistas à cabeça, levavam à insurreição os povos.

A viragem maior de há 20 anos foi porém o alargamento do socialismo, de um só país (a União Soviética) a uma série de países com a constituição no Mundo de um sistema socialista que em breve viria a dominar a situação política mundial e a influenciar decisivamente, tão decisivamente que criou as bases para o afundamento do sistema colonialista, a libertação da China e de inúmeros países da Ásia e da África, a garantia da paz em que tem vivido o Mundo apesar de constantemente assolado pelas forças da guerra e do imperialismo, que tem acendido focos de guerra dos mais perigosos na Coreia, na Formosa, em Cuba, no Congo, no Viet-Nam, em Chipre, etc.

Assim, a edificação do socialismo tem prosseguido nos países libertados há 20 anos no leste da Europa e tornando possível o seu sensacional desenvolvimento.

Apresentamos um exemplo: o da Eslováquia, parte integrante da Checoslováquia. Os checos tinham já antes da guerra um nível de vida apreciável, apoiado num potencial industrial bastante elevado. Mas os eslovacos viviam em grande pobreza, havendo uma verdadeira discriminação social e política no poder central em relação aos habitantes da Eslováquia, debruçados quase exclusivamente sobre a terra.

O socialismo tudo transformou. Deu em primeiro lugar a igualdade política aos eslovacos e a ajuda intensa dos checos ao progresso económico da Eslováquia. Depois lançou mão da industrialização, transformando a Eslováquia agrícola e atrasada num país industrial com uma agricultura altamente qualificada. Construíram-se, reconstruíram-se e transformaram-se centenas de empresas industriais modernas, o que elevou a riqueza do país e retirou à agricultura

quase metade da população que a ela se dedicava, triplicando o número dos que trabalham na indústria e na construção civil, assim como aumentou o número de empregados nos transportes, no ensino, na investigação científica e nos serviços médicos e sociais. Em 1937 a parte da indústria na produção bruta industrial e agrícola era de 36% e a da agricultura de 65%. Em 1962 já se tinha modificado para 70% para a indústria e 30% para a agricultura.

Mas então a agricultura está em crise? Não, a agricultura transformou-se e progrediu. A pequena produção, atrasada tecnicamente, com um pequeno rendimento, é hoje um sector de grande produção mecanizada. E porquê? Porque a colectivização permitiu a criação de grandes explorações modernas e porque o Estado Socialista dedica cada vez maiores fundos ao desenvolvimento da agricultura.

Além disso a cultura geral do povo eslovaco aumentou enormemente, facilitando as tarefas da construção do bem estar e do progresso do país. São obrigatórias 9 classes escolares, às quais se seguem escolas secundárias de instrução geral e profissional e depois as escolas superiores. Basta dizer que de 1948 a 1962 o número de estudantes nas escolas profissionais passou de 15.427 para 68.894, em que um terço estuda e trabalha ao mesmo tempo, pois as empresas em que trabalham dão-lhes todas as facilidades possíveis.

O futuro da Eslováquia socialista e pacífica está assegurado: a agricultura, a indústria, a indústria estão planificadas para o progresso e contam com o entusiasmo do povo eslovaco, com a ajuda dos povos checos e o apoio económico desinteressado da grande União Soviética, próxima. Agora se constróiem as grandes Forjas da Eslováquia de Leste, um gigantesco combinado metalúrgico com altos fornos, forjas, oficinas de construções mecânicas, fábricas químicas, etc, que reforçarão o carácter industrial da economia eslovaca. Pois bem: o aprovisionamento em minério de ferro de todo este combinado vai ser feito pela União Soviética! Iguamente será a União Soviética a fornecer o petróleo bruto que um grande combinado de produtos químicos em construção no sudoeste da Eslováquia vai utilizar!

Este exemplo dum pequeno país do centro da Europa indica bem o que se deve à vitória da União Soviética sobre o nazismo, e a viragem de há 20 anos com ela operada.

A libertação da Roménia (DA RÁDIO PORTUGAL LIVRE)

A Roménia comemorou há dias o XX aniversário da sua libertação. O que era a Roménia antes da libertação?

Um dos países mais atrasados da Europa, um povo que conhecia uma miséria tão grande como a que o povo português conhece agora. Da indústria, só a da extração de petróleo estava desenvolvida, mas era explorada pelos estrangeiros, 90% do equipamento industrial era importado. O nível de vida estava a par do do povo português na última escala da Europa. A par disso o povo vivia privado das liberdades mais elementares. Uma ditadura fascista apoiada pelo nazismo alemão esmagava o país. Era assim a Roménia de antes da guerra.

Mas o povo romeno não ficou de braços cruzados, resignando-se à sua sorte. Em grandes lutas da classe operária e das massas anti-fascistas, como as greves que ficaram históricas dos ferroviários e dos operários petrolíferos em 1943, em múltiplas manifestações de rua e em pequenas e grandes lutas que defendiam nos principais centros do país o movimento de resistência, criaram-se as condições dum grande combinado de produtos químicos em construção no sudoeste da Eslováquia vai utilizar!

Em 1943, o governo fascista da Roménia declarou guerra à União Soviética, alinhando ao lado de Hi-

ler. A luta popular ampliou-se. O Partido Comunista Romeno, nessa dura batalha política, soube unir todas as forças patrióticas e mobilizar as massas populares. Consolidou-se a unidade de acção da classe operária que se tornou o núcleo dum forte aliança das massas anti-hitlerianas num bloco nacional democrático.

A insurreição, cuidadosamente preparada, desencadeou-se a 23 de Agosto de 1944. A ditadura fascista, enfraquecida pelas derrotas infligidas a Hitler pela União Soviética, foi derrubada.

Novas possibilidades se abriram ao povo romeno. O povo romeno soube aproveitar essas possibilidades. Uma série de profundas transformações revolucionárias instaurou um regime de Democracia Popular e passou depois à construção do Socialismo.

Quais foram os resultados dessas transformações revolucionárias? Basta citarmos alguns números. A renda nacional aumentou três vezes e meia em relação a 1938 e a produção industrial aumentou oito vezes. Em 20 anos, dum país devastado pela guerra e pelo fascismo, a Roménia transformou-se num grande país de indústria e agricultura desenvolvidas e de alto nível cultural.

O ritmo do progresso acentua-se cada vez mais. Nos últimos 13 anos o salário real dos trabalhadores aumentou para o dobro. Este ano houve novo aumento de salários e de abonos de família. Nos últimos quatro anos foram construídas casas novas para 800 mil pessoas, tanto como a população da nossa Lisboa. E entretanto os habitantes do Bairro da Sé e do Barredo, no Porto, ao fim de 38 anos de fascismo, continuam vivendo em condições que na própria Câmara Municipal do Porto foram consideradas indignas dum cidade que se diz civilizada.

O exemplo da Roménia mostra como a vida de um povo se pode transformar. A Roménia dispõe hoje dum importante indústria pesada que fornece 70% das suas necessidades de equipamentos. Produz e exporta equipamento da indústria de petróleo, tractores, máquinas ferramentas e produtos químicos. Exporta mesmo carne para o nosso país, enquanto os nossos talhos estão fechados por falta de carne de abate nos matadouros.

Nos campos da Roménia 65.000 tractores e 32.000 ceifadoras debulhadoras trabalham para as 5.000 cooperativas agrícolas do país.

Este é o balanço de 20 anos de êxitos de um povo libertado! Triste contraste com os 38 anos de fascismo salazarista!

mento comunista internacional na base dos princípios do marxismo-leninismo que o camarada Togliatti sempre defendeu».

O «Avante!» inclina também a sua bandeira, associando-se ao luto do PCI e dos comunistas de todo o Mundo e declarando, com a mensagem do nosso Partido: «Os povos cujos interesses o camarada Togliatti defendeu não esquecerão nunca o grande revolucionário agora desaparecido!»

O CENTENÁRIO DA 1ª INTERNACIONAL

Em 28 de Setembro de 1864 foi fundada em Londres a Associação Internacional dos Trabalhadores — a 1ª Internacional. Ao comemorar esta data, o movimento comunista e operário internacional presta igualmente homenagem a Carlos Marx e F. Engels, seus fundadores.

Carlos Marx, que foi a alma da 1ª Internacional, foi também o autor do MANIFESTO constitutivo da Associação Internacional dos Trabalhadores, dos seus estatutos e de numerosas resoluções e documentos.

Até à sua dissolução em 1876, a 1ª Internacional realizou cinco congressos. No 1º congresso, em 1866 foi dado um grande impulso à luta pela jornada de trabalho de 8 horas. O 2º congresso, em Setembro de 1867, aprovou a importante tese dizendo, que a libertação social dos trabalhadores é inseparável da sua libertação política. O 3º congresso, em Setembro de 1868 declarou que a greve é uma arma legítima e indispensável da classe operária. O 4º congresso travou uma violenta luta ideológica contra as tendências anarquistas no movimento operário internacional. O 5º e último congresso da 1ª Internacional, realizado em Haia de 2 a 7 de Setembro de 1872, no qual participaram Marx e Engels, marcou a vitória do marxismo no domínio ideológico e de organização, sobre as formas sectárias e pequeno burguesas do socialismo.

A 1ª Internacional foi dissolvida depois de ter cumprido a sua missão histórica que consistiu em fazer penetrar as ideias do socialismo científico na consciência dos operários de vanguarda dos principais países capitalistas.

A projecção da 1ª Internacional em Portugal reflectiu-se no seio do movimento socialista daquela época com a organização de Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1871.

Foram seus organizadores Antero de Quental, José Fontana, que fundaram igualmente o «Pensamento Social», órgão do proletariado português.

O «Avante!», órgão dos comunistas

inclinamos as nossas bandeiras MORREU TOGLIATTI!

Tem sido duramente atingido nestes últimos tempos o Movimento Comunista Internacional. Agora foi o nosso camarada Palmiro Togliatti, secretário-geral do glorioso Partido Comunista Italiano e grande dirigente do movimento comunista mundial que faleceu.

Palmiro Togliatti, além de grande patriota foi um dos mais vivos exemplos do internacionalismo proletário, tendo-se batido e dirigido as heróicas Brigadas Internacionais em Espanha, numa das maiores batalhas contra o fascismo, que apareceu então a querer lançar o mundo no horror da guerra e da barbárie e já dominava a Itália. Togliatti, personalidade das mais eminentes do comunismo mundial, foi também, por direito próprio, secretário da Internacional Comunista.

Foi pela morte de tão querido companheiro de combate que o Comité Central do nosso Partido enviou uma sentida mensagem ao Comité Central do Partido Comunista Italiano em que afirma:

«Com a morte do camarada Togliatti, o vosso Partido, o povo ita-

português e do Partido do proletariado, associa-se às comemorações do centenário da 1ª Internacional, saudando a luta pela unidade e coesão do movimento comunista internacional com a grande União Soviética à cabeça!

Viva a unidade comunista internacional! Viva o internacionalismo proletário!

liano e a classe operária de todos os países, perdem um grande dirigente e amigo. Togliatti devotou toda a sua vida e a sua lúcida inteligência à luta pelo triunfo das ideias comunistas; defendeu e serviu a luta da classe operária contra a exploração capitalista; defendeu e serviu a causa da libertação de todos os povos; defendeu e serviu a causa da Paz, da democracia e do socialismo; defendeu e serviu os interesses superiores do povo italiano e de toda a Humanidade».

E mais adiante, toda a expressão do nosso sentimento: «O Comité Central do PCP, em nome de todos os membros do Partido e expressando os sentimentos dos operários e de todos os trabalhadores de Portugal, apresenta ao CC do PCI e à camarada Nilde Iotti as suas sentidas condolências e expressa ao PCI e à sua Direcção, a completa solidariedade dos comunistas portugueses nesta hora de luto e de dor. (...) Prestando homenagem ao grande dirigente comunista desaparecido, nós, comunistas portugueses, que lutamos em condições difíceis, condições que os camaradas italianos conheceram já durante o domínio do fascismo, não pouparemos esforços na luta pela libertação de todos os povos e pela Unidade do movi-